

Do Grito à Canção

A poesia como denúncia da aculturação

Na Alemanha, de onde veio, o indígena não é um problema. Apenas um exotismo, uma curiosidade. Mas no Brasil, onde está há 20 anos, é a causa que escolheu, a luta que enfrenta no dia-a-dia, armado de palavras e ideais. Como padre, poeta, assessor latino-americano do CIMI (Conselho Indigenista Missionário), Paulo Suess é um combatente da causa indigenista, um defensor ferrenho de que "o índio seja o porta-voz de seus sofrimentos", segundo declara. No Brasil ele trabalhou durante oito anos, como vigário de Juriti, no Pará, uma pequena cidade à beira do rio Amazonas. Ali tomou conhecimento dos índios sem pátria, sem terra e sem identidade. Depois, doutorou-se em Teologia, com o trabalho *Catolicismo Popular no Brasil*, pela Universidade de Munster, na Alemanha, em 1976. De volta ao Brasil, foi professor de Teologia em Manaus e, logo em seguida, eleito para secretário-geral do CIMI, o mesmo órgão do qual é hoje assessor latino-americano. Uma porta que se abriu para uma causa agora muito mais ampla: a dos índios de toda a América.

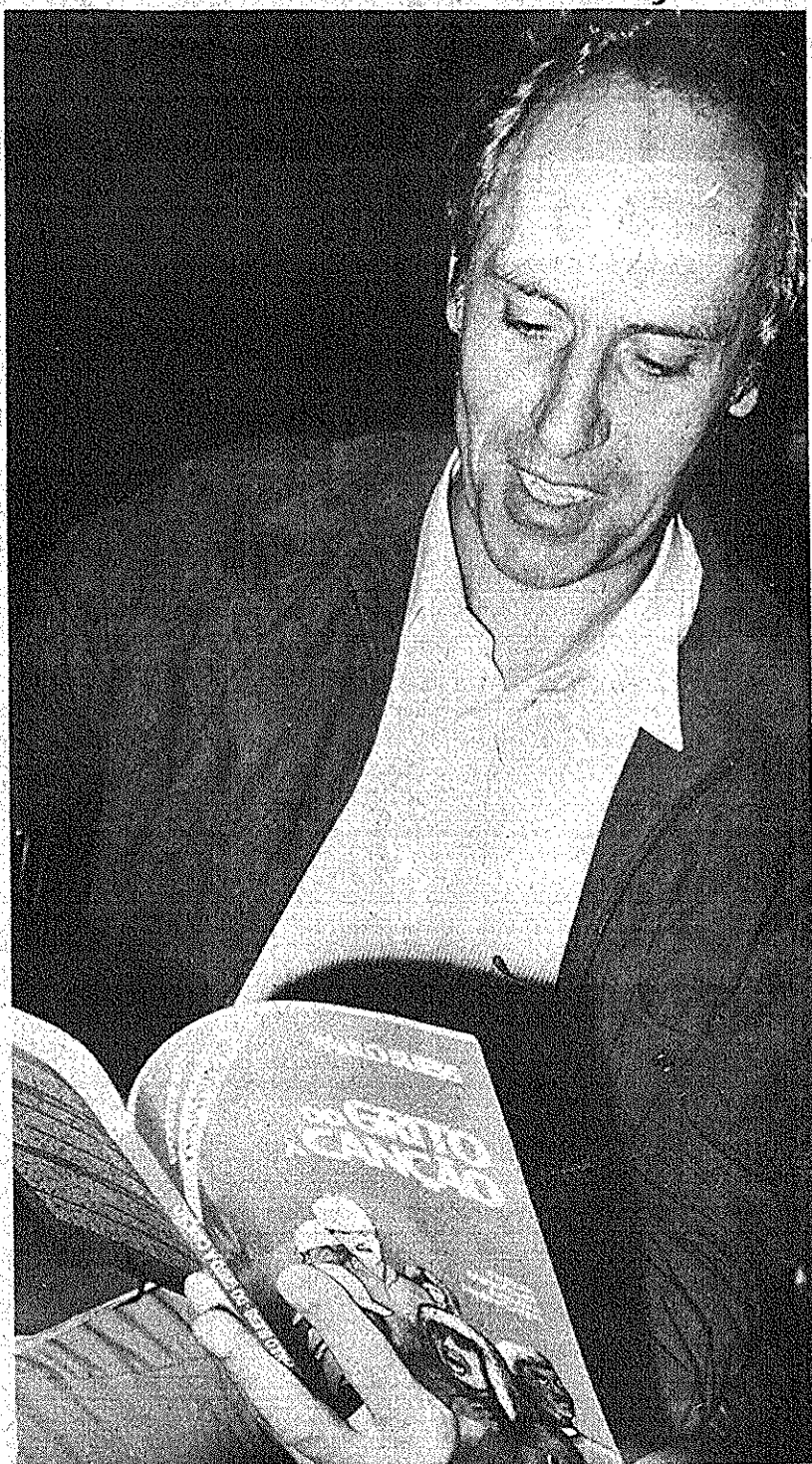
Mas foi como poeta que Paulo Suess esteve na semana passada na Fundação Cultural, para receber o primeiro prêmio de um concurso de poesia, por seu *Salmo de um Cortador de Cana*, dedicado a Amaral Vaz Meloni, um bóia-fria assassinado pela polícia, a 15 de maio deste ano, durante a greve de Guariba. E é como poeta que ele fala, não só da causa indígena (como do jornal *Porantim*), mas de todo o povo da América Latina (como em seu livro *Do Grito à Canção*): "Malditos os fartos / sem fome / ... e sede de justiça / que comem o pão dos famintos, cada dia / como o boi que invade o milharal do peão / Ser-lhes-á decretada greve de fome".

Como assessor latino-americano do CIMI, Paulo Suess é o poeta, colocando em prática o ideal das palavras:

"Nós procuramos fazer a denúncia dos abusos e dos massacres cometidos contra os índios, de maneira a tentar não ser um porta-voz deles, mas dar-lhes voz, para que tenham autodeterminação. Assim, organizamos as assembleias indígenas, reunindo cerca de 200 povos. Quando eles se juntam, parece que tentar encontrar uma solução para os problemas fica mais fácil".

Segundo Paulo Suess, a luta maior do índio atualmente é contra a aculturação, que faz com que ele, pouco a pouco, vá perdendo sua própria identidade. Mas não cre que o deputado Mário Juruna seja um exemplo de "índio aculturado".

"A causa indígena é muito diversificada para ficar nos ombros de uma só pessoa. Então não temos o direito de julgá-lo demais, de criticá-lo. O Congresso é uma caixa de ressonância da Nação e eu acho que, dentro dessa caixa, o Juruna conseguiu pelo menos chamar a atenção para a causa dos índios. Mas a nossa sociedade é



Paulo Suess, assessor latino-americano do Cimi

muito cruel para com o índio. Tenta de várias formas acabar com ele, seja a nível de aldeia ou de política. A tradição indígena é uma tradição comunitária, onde todos estão amparados. Então, de repente, um líder indígena sozinho no meio de brancos, não tem possibilidade de optar entre o bom e o mau. Acaba escolhendo aquilo que ele considera como melhor".

Ainda dentro da causa indígena, Paulo Suess faz parte do Conselho Editorial do jornal *Porantim*, que já está em seu sexto ano de circulação. Em suas páginas, problemas referentes a diversas tribos, não só do Brasil, mas da América Latina, e um panorama sobre a atuação da igreja junto aos índios. E um artigo especial sobre Marçal Tupã'i, o líder guarani assassinado há um ano no Mato Grosso. Até hoje, nenhum inquérito foi aberto para

apurar os responsáveis. Marçal era amigo de Paulo Suess, que lhe dedicou uma poesia: "Marçal Tupã'i Guarani / te enterraram com os pés para o nascente (como a pedra fundamental d'uma igreja); morto, ainda apontas o caminho da vida / indelevel farol da Terra sem Males / palavra penhorada aos índios sem terra / que os tiros de Campestre não calaram".

Uma história eternamente a recomendar, com o significado exato da palavra *Porantim*, que Paulo explica: "é o remo mágico dos índios, que tem, em cada parte dos três desenhos, uma significação. O remo, a arma, a memória. A defesa de uma história que fica gravada na memória dos índios. Uma história que continua, como as águas de um rio".